

OLHAR SOBRE O CURRÍCULO OCULTO A PARTIR DO PONTO DE VISTA DE UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA

Nilza Zanon de Sousa Machado¹

GDnº 17 - Currículo, Políticas Públicas e Educação Matemática.

Resumo: Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa de mestrado que insere-se na linha de pesquisa Educação Matemática do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O presente estudo tem como objetivo investigar o currículo oculto presente nos intramuros de uma escola estadual de Curitiba-PR, mais particularmente nas aulas de Matemática do século XXI no Ensino Fundamental e Médio. O argumento central dessa reflexão sustenta que é preciso analisar sobre todos os aspectos o currículo da Matemática e a prática desse currículo em sala de aula e apresentar um estudo com compreensões relacionados ao currículo oculto na matemática escolar. Para isso o presente trabalho se pautará metodologicamente numa pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico utilizando a técnica da observação participante. A pesquisa pautar-se-á em teóricos críticos do campo do currículo que investigam o currículo oculto. Espera-se que o presente estudo possa contribuir para as discussões envolvendo os estudos curriculares e a formação do professor que ensina Matemática.

Palavras-chaves: currículo, currículo oculto, escola, poder.

Apresentando o estudo

Como estamos efetivamente trabalhando a matemática escolar atualmente? Para quem estamos ensinando? O que estamos ensinando? Por que estamos ensinando estes conteúdos e não outros? O que esperamos que os alunos façam com o conhecimento adquirido no ambiente escolar? Qual o papel da matemática na formação dos alunos? Estamos trabalhando de forma que venha ao encontro das dúvidas pertinentes desses alunos? O grande desafio da escola tem sido preparar o cidadão em sua plenitude, ou seja, dar a ele condições de se governar, de decidir por si o que fazer e como fazer, dar a esse cidadão subsídios para refletir sobre tudo o que a sociedade impõe, empoderar para questionar e argumentar sobre os diferentes aspectos impostos por ela. Além disso, o papel da matemática é o de contribuir com essa formação, ajudando o indivíduo a resolver problemas de sua vivência social.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9394/) de 20 de dezembro de 1996, o artigo 22 que trata especificamente da Educação

¹ Universidade Federal do Paraná – UFPR; Programa de Pós- Graduação em Ensino de Ciências e em Matemática; Educação em Ciências e em Matemática; nilza.zanon@gmail.com; orientador: Elenilton Vieira Godoy

Básica afirma que ela deve “assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. (BRASIL, 1996, s/p)

Desse modo, é importante conhecermos a realidade do aluno e considerarmos a bagagem que ele nos traz, pois muitas vezes ele desenvolve situações matemáticas em seu cotidiano com clareza e dentro dos espaços escolares apresenta dificuldades de compreensão. (GODOY, 2015) faz a seguinte observação: “o próprio currículo da matemática escolar tem negligenciado o debate em torno dos motivos pelos quais a disciplina escolar matemática pode tanto incluir quanto excluir.” (GODOY, 2015, p.18). O professor poderia possibilitar ao educando condições para que ele se aproprie do conteúdo de forma significativa e buscar meios de motivar esse aluno a aprender, fazendo-o perceber que aquilo que estuda na escola é parte da formação para se tornar um cidadão que busque idealizar seus objetivos. Concordamos com (FASHED, 1998) apud (GODOY, 2015) quando defende que a matemática escolar não pode ser ensinada, efetiva e significativamente, descontextualizada da cultura ou do estudante individual. O educador precisa colocar a matemática ao alcance dos alunos, fazendo com que ela tenha sentido para seu aluno, respeitando seu conhecimento trazido para dentro dos espaços escolares e sua cultura.

Pode ser esse um dos desafios do professor matemático, conseguir trazer uma matemática escolar que faça sentido ao seu aluno, que esteja em acordo com sua cultura e suas raízes, caso contrário estaremos reproduzindo apenas uma matemática escolar como (KNIJNIK, 2012) nos alerta e nos faz pensar: “[...] a educação Matemática não como uma área eminentemente técnica, asséptica, marcada pela neutralidade, pelo conhecimento” desinteressado” e desenraizado das injunções do mundo social.” (KNIJNIK, 2012, p. 84).

Com isso, a ideia para desenvolver a presente pesquisa surgiu a partir dessas inquietações e para tanto se pretende observar o currículo oculto que permeia os espaços escolares aos olhos de uma professora de matemática. Ao analisarmos o cotidiano escolar consideramos que possam ser percebidas ações que não reverberam ou que auxiliem na aprendizagem dos alunos.

Questionamentos a respeito da finalidade da escola, das dificuldades em enfrentar os desafios que se põem cotidianamente dentro dos muros escolares e indagações frequentes a respeito do trabalho realizado se de fato fará alguma diferença na vida desse

estudante me incentivaram a realizar o trabalho que proponho. Trabalhando na rede pública de ensino a 28 anos, se adquire certa experiência, entretanto com o passar dos anos, dúvidas surgem, as inquietações de uma carreira inicial permanecem, novos desafios surgem dentro da escola diariamente. Durante esta jornada foram muitas as mudanças apresentadas na educação. Consideramos importante dentro do espaço escolar perceber os fatores que possam contribuir ou interferir na aprendizagem do aluno. Consideramos que perceber o currículo oculto que está presente na matemática escolar e dentro dos muros da escola pode contribuir na reflexão dos professores ao prepararem seus roteiros de aulas a estarem mais atentos a este currículo oculto, e assim, podendo desenvolver suas atividades sempre visando a diminuição das desigualdades presentes cotidianamente neste ambiente.

Para isso, buscamos apresentar o currículo oculto que transita dentro de uma escola específica para poder relacionar suas implicações e/ou contribuições às aprendizagens dos alunos.

A presente pesquisa tem por objetivo desvelar que currículo oculto permeia os intramuros de uma escola específica aos olhos de uma professora de matemática e como objetivos específicos: a) compreender as implicações dos elementos e aspectos do currículo oculto nos diferentes espaços desta escola e b) verificar as práticas do currículo oculto deste espaço escolar que visem tanto a manutenção da hegemonia dominante como a luta contra hegemônica.

Excertos teóricos

Com o avanço das mídias tecnológicas vivemos em uma sociedade renovada, o mundo se tornou globalizado. No mesmo decorrer desses mudanças e com a mesma velocidade agravam-se as diversidades sociais, o preconceito e discriminação com os que não pertencem a classe dominante, aumentam o desemprego e a crise financeira, as divergências em sala de aula se multiplicam, o desinteresse por partes dos alunos parece aumentar a cada ano e acentuam-se os problemas envolvendo raça, etnia, sexualidade.

Diante desse contexto a educação permanece estagnada ou pouco avança para acompanhar a evidente mudança na sociedade. As políticas públicas brasileiras pouco contribuem no que se refere a questões curriculares, aliás as políticas públicas se apresentam principalmente e muitas vezes tão somente em palanques eleitorais, pouco do que se promete efetivamente se põe em prática, normalmente elas se modificam de 4 em 4

anos, ou no mais tardar a cada 8 anos, sem apresentar uma continuidade em projetos educacionais.

Incrementos da teoria crítica do currículo

Nas últimas décadas muito se tem discutido sobre as teorias de currículo, autores como Bobbitt, Apple, Giroux, Bernstein, Silva, Santomé muito já produziram a esse respeito, portanto é fundamental que, nós educadores, tenhamos uma boa compreensão sobre aspectos relevantes das teorias do currículo para que possamos ampliar e/ou diversificar nossas perspectivas de análise e reflexão.

A escola é muito mais antiga do que a expressão “currículo”, embora ele sempre estivesse presente desde a concepção de escola, somente posteriormente passou a ser intitulado desta forma. Do ponto de vista do conceito pós-estruturalista de discurso, a teoria está envolvida num processo circular: ela descreve como descoberta algo que ela própria criou.

Segundo (SILVA, 2016), qualquer teoria de currículo discute principalmente qual conhecimento deve ser ensinado dentro da escola. Para isso, as discussões permeiam a natureza humana, a natureza do conhecimento, a cultura e a sociedade objetivando formar o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade. Logo, segundo o autor, o currículo é também uma questão de identidade e poder. Ainda segundo (SILVA, 2016), os pioneiros a pesquisar o currículo foram os Estados Unidos dos anos vinte, em virtude do processo de industrialização e os movimentos migratórios, que intensificavam a massificação da escolarização.

O currículo oculto

O currículo, a educação, a escola, os professores, os alunos e as pessoas envolvidas no ambiente escolar não são neutros, assim como o currículo explícito também não é, as colocações feitas e fundamentadas anteriormente nos mostra claramente esse cenário. Boa parte das ações que ocorrem no espaço escolar não estão presentes neste currículo explícito, elas compõem o cotidiano escolar e sua rotina, esses fatores interferem na aprendizagem do aluno, fazem parte de um currículo não oficial e que por vários autores

é intitulado como currículo oculto. Para conversar um pouco sobre o currículo oculto vou me apoiar em um professor pedagogo catedrático de Didática e Organização Escolar na universidade da Corunha, na Espanha, Jurjo Torres Santomé. Em 1995, Santomé publicou uma obra onde procurou esclarecer todos os aspectos que precisam ser considerados e analisados para se observar o currículo oculto. Segundo ele, para se refletir sobre o currículo oculto não precisa de muitas justificativas.

De acordo com Santomé é muito importante percebermos o currículo oculto presente nos espaços escolares

[...] observar o currículo oculto presente no ambiente escolar vai nos facilitar a tarefa de reinterpretar tudo o que aí acontece e de chamar a atenção para as possibilidades de desenvolver práticas educativas comprometidas com a defesa de uma sociedade mais justa, mais democrática e, portanto, mais livre. (SANTOMÉ, 1995, p.10)

Do ponto de vista de Godoy é muito importante discutir a ideia de currículo oculto pois

[...] nos credencia a tratar, com mais criticidade, o modo como os saberes escolares, que estão disponíveis nas disciplinas escolares, são difundidos por intermédio dos conhecimentos científicos e das humanidades. (GODOY, 2015, p. 39)

Para (SILVA, 2016), o currículo oculto está implicitamente ligado ao currículo explícito, pois “o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”. (SILVA, 2016, p. 78). As aprendizagens sociais são de fato relevantes e importante para todo contexto social mas elas estão presentes dentro da escola e são praticados dentro da escola para atuar mais como um controle social. Sempre houve e sempre haverá muitos estudiosos e muitas pessoas ligadas a escola que se preocupam com as questões de desigualdade e trabalham arduamente para diminuir esse fator e não desempenhar essa ação reflexiva continuará sendo um espaço significativo na preservação, senão na geração, dessas desigualdades.

O que se observa no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações que permitem que crianças e jovens se ajustem da forma mais conveniente às estruturas e às pautas de funcionamento, consideradas injustas e antidemocráticas e, portanto, indesejáveis, da sociedade capitalista. Conforme (SILVA, 2016), ele afirma entre outras coisas que, o currículo oculto ensina, em geral, a partir das relações impostas implicitamente dentro da escola, o conformismo, a obediência, o

individualismo. Numa perspectiva mais ampla, aprendem-se, no currículo oculto, atitudes e valores próprios de outras esferas sociais, como, por exemplo, aqueles ligados à nacionalidade. Mais recentemente, nas análises que consideram também as dimensões do gênero, da sexualidade ou da raça, aprendem-se, no currículo oculto, como ser mulher ou homem, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação com uma determinada raça ou etnia. Ele desempenha um papel de destaque na configuração de significados e valores dos quais os professores e os alunos, normalmente, não estão plenamente conscientes.

Se faz necessário analisar o sistema educativo e, por conseguinte, o que os cidadãos aprendem com a sua passagem pelas instituições escolares implica prestar atenção não só ao que denominamos currículo explícito, mas também ao currículo oculto. (SANTOMÉ, 1995, p. 201)

Esse papel de destaque que o currículo oculto exerce dentro do ambiente escolar faz toda a diferença se queremos alunos críticos e capazes de tomar decisões próprias, isso se quisermos uma escola onde o interesse da minoria não fique submetidos aos interesses da maioria. Será que as condições postas dentro do ambiente escolar proporcionam a formação desse aluno crítico e capaz de tomar suas decisões?

De acordo com (SANTOMÉ, 1995), nos informa que o currículo oculto costuma incidir no reforço dos conhecimentos, procedimentos, valores, expectativas mais de acordo com as necessidades e interesses da ideologia hegemônica desse momento sócio histórico.

Ainda segundo (SANTOMÉ, 1995), esse desenvolvimento do currículo oculto nem sempre vai à direção de uma consolidação dos interesses dos grupos sociais dominantes e das estruturas de produção e distribuição vigentes. Ele também pode servir também como um foco de resistência à instituição escolar, bem como à ideologia dominante. As escolas da educação básica estão estruturadas para transmitir conteúdos culturais com a finalidade de preparar os estudantes para, no futuro, desempenharem os papéis demandados por um modelo de sociedade definido por interesses dos grupos sociais dominantes; e também para auxiliar na produção de conhecimento legítimo com o intuito de expandir mercados, controlar a produção, o trabalho das pessoas etc. Sabe-se que a escola não foi construída com o propósito de garantir a igualdade entre as minorias e sim, de ampliar ou preservar o capital cultural das classes dominantes.

É imprescindível que o currículo oculto se vincule à noção de libertação, fundamentada nos valores de dignidade pessoal e justiça social, pois, desse modo, a

“essência do currículo oculto seria estabelecida no desenvolvimento de uma teoria da escolarização preocupada tanto com a reprodução quanto com a transformação.” (GIROUX 1986, p.89). Sabemos que escola tem grande participação na propagação da continuidade da desigualdade social, pois sempre que ela não se sobrepõe as condições impostas dentro da escola, ela se torna também responsável por essa desigualdade. É claro que isso não ocorre porque as pessoas diretamente ligadas a escola e aos alunos, no caso os professores, não se importam, mas sim porque muitas vezes eles demoram um demasiado tempo para perceber todas as intenções que permeiam o que está imposto dentro do ambiente escolar ou também porque muitas vezes, esses mesmos professores precisam sair um pouco de dentro deste ambiente contaminado pelo engessamento impregnado dentro da escola para poder ver com clareza o que realmente acontece nela. (APPLE, 2006), afirma justamente essa condição quando alega que “a escola ensina um currículo oculto que parece unicamente voltado a manutenção da hegemonia ideológica das classes mais poderosas da sociedade”. (APPLE, 2006, P.81).

A sociedade espera que a escola continue fazendo exatamente o que ela foi destinada a fazer, ou seja, execute sua função de acordo com o objetivo para o qual ela foi criada, o de manter sob vigilância todos os que ali permeiam e entregar ao mercado de trabalho pessoas com habilidades e competências para desempenharem seu papel com qualidade. Perceber dentro do currículo essas intencionalidades e que elas não são o que esperam nossos alunos é parte das percepções que o professor precisa desenvolver.

Sabemos, portanto, o quanto enraizado na escola está as imposições da hegemonia ideológica das classes dominantes, trabalhar arduamente e diariamente para reverter essa condição, precisa ser umas das determinações da escola. Talvez o primeiro passo para mudar essa hegemonia ideológica que está instalada dentro da escola seja reconhecer a sua existência, perceber esse currículo oculto. Tomar consciência desse fato faz com que nós professores tenhamos noção de nossa condição política dentro da escola e possamos pensar em alternativas, meios, caminhos, para se reverter esse processo.

Quando falamos e reconhecemos o currículo oculto dentro do ambiente escolar estamos cientes de todos os fatores externos que estão indiretamente interferindo no que ocorre dentro da escola.

Os conflitos dentro do currículo oculto

Desde a formação das primeiras civilizações, as comunidades foram governadas por normas, valores e princípios, isso sempre se fez presente na humanidade. As comunidades são formadas diversidades, e todas têm uma luta intelectual e uma luta interpessoal. Sempre que for introduzido novas normas que desestruturem as normas já estabelecidas por cada comunidade, um conflito será gerado. Dentro do ambiente escolar isso não será diferente, sempre houve e sempre haverá conflitos na escola.

A escola se mantém conservadora diante de muitas inovações que surgem, algumas passageiras, outras mais consistentes. Manter a escola conservadora apresenta vantagens visto que ela não pode ficar à mercê da moda vigente e ficar se alterando de acordo com todas as inovações apresentadas pela sociedade, isso sendo alterado de acordo com todas as mudanças momentâneas não iria ajudar em nada a escola. Entretanto, muitas das normas e valores presentes na escola se mantêm ainda conservadoras, elas estão implicitamente presentes nas metas e objetivos a serem alcançados e não aparecem no currículo explícito. Certamente que a escola não é a única a incutir essas normas e valores aos alunos, a família também tem sua participação nessa construção. (SIGEL, 1970, apud (APPLE, 2006) considera que existem pesquisas que mostrem a escola sendo rival da família como agentes significativos da socialização política, mas de fato a escola ainda é o local de grande disseminação de transmissão de valores tradicionais e de poucas mudanças. Talvez possamos discutir os papéis diferenciais que o governo e as escolas conferem ao aluno, mas seria provavelmente muito mais difícil negar a eficácia da escola.

Percebemos que conflitos sempre haverá dentro da escola, conflitos esses sempre relacionados ao social, cada um sempre defendendo seu lado, mas é importante se ter sempre clareza na relevância a ser dada aos diferentes aspectos e que esses conflitos são originalmente internos, que fazem parte da construção humana.

De acordo com (APPLE, 2006) o currículo oculto tem como função: “[...] reforçar as regras básicas que envolvem a natureza do conflito e seus usos. Ele impõe uma rede de hipóteses que, quando internalizadas pelos alunos, estabelece os limites de legitimidade.” (APPLE, 2006, p.130).

Um outro fator importante diz respeito ao fato de que quando discutimos o conflito devemos compreendê-lo como inerente ao nosso convívio social. De acordo com (APPLE, 2006) “pinta-se uma realidade social que tacitamente aceita a cooperação feliz como normal, senão como a melhor maneira de viver.” (APPLE, 2006, p. 135) Isto está

naturalizado na sociedade de tal forma que se tem a impressão de que é empírico, de que deve ser assim, na escola não ocorre diferente. Ainda de acordo com este autor, podemos dizer que é muito importante questões “[...]que fazemos ou as experiências educacionais que projetamos para os alunos. As experiências educacionais parecem enfatizar o que é fundamentalmente uma perspectiva conservadora.” (APPLE,2006, p. 136).

Percurso metodológico- analítico

O presente trabalho se pautará metodologicamente numa pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, utilizando a técnica da observação participante e pautar-se-á em teóricos críticos do campo do currículo que investigam o currículo oculto. De acordo (ANDRÉ, 2012) com a técnica de observação participante é assim considerada quando “parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado.” (ANDRÉ, 2012, p.28).

Nesta pesquisa pretende-se perceber o currículo oculto que transita dentro de uma escola específica do município de Curitiba -Pr para poder relacionar suas implicações e/ou contribuições ao ensino na escolar. Para se desvelar esse currículo oculto na escola onde realize as minhas atividades, será desenvolvido um trabalho de cunho etnográfico.

A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhado como uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Utiliza-se do *método etnográfico*, descritivo por excelência. (SEVERINO, 2007, p. 119)

Desse modo, o mergulho no microssocial desta escola será realizado diariamente durante todo o ano de 2019, a vista de meu olhar, serão contemplados e registrados os aspectos e elementos percebidos como parte do currículo oculto. Essas observações ocorrerão nos diferentes espaços da escola podendo ser constituído de observações realizadas durante as minhas aulas de matemática(sendo esta com alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio), no pátio da escola, nos corredores e em diferentes momentos, podendo ser composto de turnos diferentes e em todos os momentos em que julgar necessário registrar ações pertencentes ao currículo oculto e que venham a contribuir com a pesquisa. Nos ambientes externos a minha sala de aula, serão contemplados na pesquisa todos os alunos que se fizerem presentes. Além dessas observações acima citadas, também serão registradas as observações feitas a partir de reuniões organizadas pela equipe

pedagógica e diretiva, atendimento aos responsáveis pelos alunos, ambientes como sala dos professores e conversas entre professores onde o currículo oculto se faça presente, assim como serão observados nos corredores da escola as relações entre alunos-alunos, alunos-professores e alunos-direção, participação em conselhos de classes e momentos de formação continuada ofertada pela mantenedora da instituição.

Posteriormente esse material passará por um exame aprofundado numa tentativa de leitura crítica e de interpretação, no sentido de uma descrição densa e minuciosa com o intuito de identificar as práticas do currículo oculto.

De acordo com (SILVA, 2016) faz parte do currículo oculto “todos os aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes.” (SILVA, 2016, p.78)

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 18ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- APPLE, M. W. **Ideologia e Currículo**. Trad. Vinicius Figueira. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.html>. Acesso em: 11 jul. 2019.
- KINJNIK, G. et. al. **Etnomatemática em movimento**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2012.
- GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação: Para além das teorias da reprodução**. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GODOY, E. V. **Currículo, cultura e educação matemática: Uma aproximação possível?** – Campinas, SP: Papirus, 2015.
- SANTOMÉ, J.T. **O curriculum oculto**. Trad. Anabela Leal de Barros e Antonio Bárbolo Alves. Porto: Porto Ed, 1995.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª edição. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo**. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.